



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

“MAYBE I EVEN NEED THIS BABY TO MAKE ART”: Maternidade, Confiança e Visibilidade na Performance *Online* de Musicistas Independentes¹

Beatriz Azevedo Medeiros²

Universidade Federal Fluminense

Ana Luiza de Figueiredo Souza³

Universidade Federal Fluminense

Resumo

O ciberespaço mostra-se fundamental tanto para o estabelecimento de dinâmicas identitárias quanto para a construção de visibilidade e confiança por parte de artistas independentes com seus fãs. A partir da carta aberta em que a musicista Amanda Palmer se posiciona sobre como a maternidade poderia impactar seu trabalho, o artigo discute as negociações de performance entre artista e público, e de que forma estas impactam sua imagem e o consumo de suas criações. Conclui-se que, ao conservar ou alterar determinadas visões sobre a maternidade, Amanda mantém sua coerência expressiva e adquire potencial para ampliar seu público.

Palavras-chave: Performance; Cultura Digital; Maternidade; Música; Consumo.

Introdução

Amanda Palmer é uma musicista estadunidense que iniciou sua carreira com a banda The Dresden Dolls em 2000, quando conheceu o multi-instrumentalista Brian Viglione. Desde o início de sua carreira musical, buscou manter um contato mais aproximado com o público que fazia parte de seus shows – ela e Viglione costumavam pedir o e-mail das pessoas que haviam gostado da performance do The Dresden Dolls para, assim, adicioná-las a um *mailing* onde teriam acesso a novidades relacionadas à banda. Amanda Palmer acompanhou cuidadosamente o desenvolvimento digital trazido pelas atualizações e modificações nas plataformas de interação e comunicação *online*,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Subjetividade, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Bacharel em Estudos de Mídia pela mesma instituição. Integrante dos grupos de pesquisa MiDCom e More than Loud. E-mail: biamedeiros44@gmail.com

³ Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense e integrante do grupo de pesquisa MiDCom, da mesma instituição. Graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: analuiza.dfigueiredo@gmail.com



criando um site⁴ e um fórum⁵ para a banda, além de criar um blog pessoal⁶, onde relatava (e ainda relata) seu dia a dia, tanto profissional, quanto pessoal. Dessa forma, Palmer foi capaz de estabelecer uma conexão *online* não apenas com os fãs do The Dresden Dolls, mas também com seus próprios fãs – algo que foi muito importante para a divulgação de alguns projetos pessoais, inclusive o *crowdfunding*⁷ para o lançamento do seu álbum, *Theatre is Evil* (2012), em conjunto com a banda The Grand Theft Orchestra⁸, um marco da “independência” musical de Palmer, já que foi o primeiro lançado sem o suporte da sua antiga gravadora, Roadrunner Records.

Em março de 2015, Palmer anunciou sua gravidez⁹ em seu perfil do Facebook e, no mesmo mês, divulgou sua inserção na plataforma de financiamento coletivo Patreon¹⁰. O funcionamento dessa plataforma dá-se de maneira diferente do Kickstarter – site utilizado por Amanda Palmer para o recolhimento de fundos para o lançamento do *Theatre is Evil* em 2012 –, pois permite que o patrono (apoiador) financie o artista que quiser por tempo indeterminado. A proximidade desses dois eventos foi notada pela base de fãs da musicista e, no dia 26 de agosto de 2015, ela postou um texto no site de publicação de blogs, Medium¹¹, intitulada: *No, I Am Not Crowdfunding This Baby (an open letter to a worried fan)*¹², em resposta a um e-mail preocupado de uma fã sobre a maternidade de Amanda e o momento em que a mesma ocorreu. No texto, Palmer manifesta seus receios sobre ser mãe e ainda assim conseguir manter suas produções artísticas, enquanto responde à fã – e a outros, de forma indireta – afirmando que seus patronos não vão “pagar por um novo bebê” (como a fã se expressa em seu e-mail).

⁴ Presente em: <<http://dresdendolls.com/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

⁵ Presente em: <<http://www.theshadowbox.net/forum/index.php>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

⁶ Presente em: <<http://blog.amandapalmer.net/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

⁷ Processo de financiamento coletivo, onde um grupo de pessoas auxilia um artista, causa ou grupo ao qual se filiam para a realização de eventos, a criação de produtos ou a divulgação dos mesmos.

⁸ Presente em: <<https://www.kickstarter.com/projects/amandapalmer/amanda-palmer-the-new-record-art-book-and-tour>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

⁹ Presente em:

<<https://www.facebook.com/amandapalmer/photos/a.10151728148973375.1073741835.6565888374/10152891188613375/?type=1&theater>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁰ Plataforma em que o artista cadastrado recebe o dinheiro do seu público por produção realizada. Nas palavras da plataforma, “Fãs te pagam o valor que eles desejam pela inscrição em troca de experiências e conteúdo dos bastidores” (tradução livre). Presente em: <<https://www.patreon.com/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

¹¹ Medium é um site que permite a criação de um perfil por parte de pessoas que desejam postar blogs. Possui estética similar ao de sites de revistas *online*, mas apresenta algumas funcionalidades parecidas com as de sites de redes sociais, como possibilitar que os membros sigam os escritores que desejam e acompanhem as atividades dos seguidores.

¹² Tradução livre: “Não, Eu Não Estou Financiando Coletivamente Esse Bebê (uma carta aberta a uma fã preocupada)”. Presente em: <<https://medium.com/@amandapalmer/no-i-am-not-crowdfunding-this-baby-an-open-letter-to-a-worried-fan-9ca75cb0f938>>. Último acesso em: 21 abr. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O episódio chama atenção por expressar como o relacionamento artista/público se desenvolve no ambiente *online*, além de se mostrar como um marco da mudança de performances identitárias no que se refere à construção artística de Amanda Palmer. Desde 2015, a musicista alterou significativamente sua visão sobre a maternidade e parece tentar incluir o filho (hoje com dois anos) na maioria de seus projetos. Ela também já compôs uma canção intitulada *A Mother's Confession*¹³ (A Confissão de uma Mãe) e fez um videoclipe do seu cover¹⁴ para a canção *Mother*, do Pink Floyd – ambos (re)construindo noções de maternidade, além de terem forte conexão com a própria experiência maternal de Palmer.

Diante disso, o presente artigo explora de que forma Amanda Palmer, como musicista independente, lida com suas primeiras concepções sobre maternidade no meio *online*, enquanto compartilha suas resoluções com o público. Palmer simboliza a ideia de uma musicista muito ativa no âmbito *online* e com um histórico de compartilhamento de intimidade com o objetivo de aproximar sua base de fãs de si mesma para, desse modo, criar certa noção de familiaridade com o grupo. A forma como o texto é escrito e a divulgação do mesmo não são por acaso. Ela constrói sua autoapresentação visando manter a confiança, construída ao longo de sua carreira, do público.

Tal tentativa de manutenção de confiança não é novidade para a musicista, nem para artistas independentes. Assim como a criação da sensação de familiaridade, está presente desde o início da carreira de Palmer, quando se disponibilizava a responder questionamentos e dividir experiências com fãs via troca de e-mails, contato nos fóruns e, mais recentemente, em seus perfis de sites de redes sociais (SRSs). Nesse sentido, a denúncia de eventos que expõe alguma quebra no ideal de “coerência expressiva” (GIDDENS, 2002) da artista pode ser problemática, e parece ser exatamente isso que acontece com o e-mail enviado pela fã de Palmer. Ela escreve:

Você possui uma base de fãs relativamente grande e crescente. Sempre haverá pessoas que irão comprar seu merchandising, seus álbuns, ingressos para os seus shows. Você não PRECISAVA entrar no Patreon, mas você o fez mesmo assim. Então você anuncia sua gravidez, depois de anos dizendo que você não desejava ser mãe. Isso me deixa preocupada sobre o que vai acontecer depois (tradução livre, destaque no original)¹⁵.

¹³ Presente em: <<http://amandapalmer.net/amothersconfession/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁴ Presente em: <<http://amandapalmer.net/mother/>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁵ Original: “You have a reasonably sized, and growing fanbase. There will always be people to buy your merch, your albums, tickets to your shows. You didn’t NEED to join Patreon, but you did anyway. Then you announced your pregnancy, after years of saying you didn’t want to be a mom. It makes me worry about what’s going to happen next”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A quebra acontece porque há uma mudança na percepção de possibilidades proveniente da própria Amanda Palmer. Para a fã, o fato de Palmer possuir uma base de fãs segura e que a apoia faz com que o pedido contínuo de ajuda financeira seja desnecessário. Junto ao fato de ela ter anunciado a gravidez, isso causa insegurança, pois provavelmente foi uma decisão que a musicista veio a tomar no âmbito off-line, sem necessariamente debater com sua “família virtual” – por assim dizer – sobre esse tipo de mudança. A carta aberta de Palmer, portanto, apresenta um tom de tentativa de tranquilizar as dúvidas expressas pela fã (que potencialmente se estendem aos demais admiradores e patrocinadores de seu trabalho), ao mesmo tempo em que revela suas próprias inseguranças com questões relacionadas à maternidade, vida profissional e à inserção no Patreon. Por fim, a musicista defende, ao se comparar com outras musicistas e artistas que também se tornaram mães:

Nós somos artistas, não fábricas de arte. O dinheiro que nós precisamos para viver não é muitas vezes diferenciado do dinheiro que precisamos para fazer arte. Nós precisamos de todos os tipos de coisa para fazer arte. TALVEZ EU ATÉ MESMO PRECISE DESSE BEBÊ PARA FAZER ARTE. Quem sabe? (tradução livre)¹⁶.

Percebemos nesse momento que Amanda Palmer – provavelmente por causa da construção de proximidade que realiza com seu público desde o início da carreira musical, reportando sua rotina em textos de blogs e, mais tarde, descrevendo acontecimentos do dia a dia em seus SRSs –, ao tomar uma decisão que vai de encontro a algo que defendeu por anos, sem informá-la ao público, cria ansiedade neste último. O fato de ter optado pela maternidade, ainda que bem recebido por vários membros de sua base de fãs, não é visto sem suspeitas por outras pessoas (entre elas muitos *haters*¹⁷ que constantemente usam o texto-resposta aqui analisado para atacar Amanda), o que pode colocar em xeque a construção de confiança entre artista e público. Diante de tal conjuntura, debatemos como a maternidade é um fator capaz de desencadear mudanças nas performances *online* de musicistas independentes e por que essas mudanças podem ser estranhadas ou acolhidas pelo público, tendo em vista a importância da ligação estabelecida entre ambos na esfera da música independente.

Construção de Identidade, Confiança e Visibilidade no Ciberespaço

¹⁶ Original: “We’re artists, not art factories. The money we need to live is often indistinguishable from the money we need to make art. We need all sorts of stuff to make art with. MAYBE I EVEN NEED THIS BABY TO MAKE ART. Who knows?”.

¹⁷ Ou odiadores. Grupo de pessoas que, em oposição aos fãs, odeiam um artista e fazem questão de deixar isso claro, gerando disputas dentro do *fandom*. “[Haters] odeiam o tipo de música, o corte de cabelo, o rosto, o jeito, entre outras características” (AMARAL e MONTEIRO, 2013, p. 456).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

As plataformas digitais – incluindo sites como o Medium – configuram espaços em que o ator social¹⁸ constrói sua identidade na interseção entre o conteúdo que produz sobre si e as impressões que os demais atores sociais em rede têm dessa produção, gerando interações diversas (PEREIRA DE SÁ e POLIVANOV, 2012). O modo como o ator social se expressa nesses sites dirige-se a um público imaginado e/ou intencionado, pessoas que ele espera ou se empenha para atingir com determinado ato performático na rede (BOYD, 2011). A autoexpressão também se mostra como um relevante marcador de consumo e exposição de si e/ou suas criações. Logo, as materialidades de plataformas digitais serão fundamentais para que artistas, como é o caso de Palmer, possam adquirir visibilidade e vender aquilo que produzem (HEARN, 2017).

No blog aqui analisado, as performances discursivas e imagéticas de Palmer dirigem-se à fã que enviou um e-mail questionando se a chegada de um bebê afetaria sua arte. Mas ela não é a única audiência do texto, do contrário a musicista teria enviado uma resposta privada. Ao publicar a carta no Medium, Palmer permite que seja lida e compartilhada não apenas pelo público da plataforma, mas por qualquer um com acesso ao link do artigo. Tal intenção aparece na parte final do texto, onde a artista se refere aos “curiosos e/ou apoiadores” que possam se interessar por sua página no Patreon, bem como àqueles que desejem conhecer seu trabalho, referidos como “você que nunca ouviu minha música” e “se você quiser participar” (tradução livre). Palmer sabe que seu artigo pode alcançar muitas pessoas.

A confiança é fator crucial nas interações em ambientes *online*, sendo gerada por meio de uma abertura do ator social para com os outros que virtualmente interagem com ele (BAYM, 2010). Compartilhar sentimentos, atividades ou facetas da vida privada são formas de mostrar-se como alguém crível e, portanto, confiável. Ao deixar a rotina pessoal e profissional visível para os seguidores, Amanda Palmer realiza sua performance artística, que se baseia fortemente nos ideais de autenticidade e afetividade (MEDEIROS, 2018). Selecionando seus estilos de vida e a forma como se apresenta aos demais, o ator social busca manter certa coerência expressiva, ligando suas práticas e performances em um padrão mais ou menos ordenado, que passe a ideia de continuidade (GIDDENS, 2002). O artigo de Amanda no site Medium mantém a coerência expressiva da musicista em relação à

¹⁸ A escolha do termo acompanha o pensamento de Polivanov (2014), em diálogo com Goffman, ao afirmar que “atores sociais estão sempre em face de um público, uma audiência, para a qual performatizam seus *selves*” (p. 355, destaque no original).



forma como se apresenta em ambientes *online*, ainda que parta de uma suposta denúncia por parte de uma fã por causa de sua escolha, aparentemente inesperada, pela maternidade. Por meio do humor e do vocabulário picaresco que lhe são característicos¹⁹, a musicista discute um aspecto da vida particular (ter um filho) abertamente, revelando seus temores e inclusive alguns preconceitos em relação à rotina maternal e artistas que são mães. Trechos como “(...) eu realmente amo e aprecio toda pessoa que se importa o bastante para se comunicar comigo”, os diversos agradecimentos e expressões amorosas ao longo do texto imprimem à carta um tom afetivo, que corresponde ao tratamento que Palmer dá a suas produções e à comunicação com o público.

Nesse ponto, a construção de confiança aparece como um valor importante, pois, ao ser questionada pela fã sobre o período em que engravidou, a própria segurança do público em relação à artista é posta em xeque. Como demonstra Medeiros (2018), Amanda Palmer realiza dinâmicas *online* para construir a confiança de seu público em relação a si mesma, sendo elas a exposição – supostamente – irrestrita de sua intimidade, compartilhamento de postagens em certo tom confessional (SIBILIA, 2016), a clareza sobre a forma como compõe músicas e a demonstração dos bastidores de videoclipes e shows. Observamos na carta aberta os mesmos tipos de performances discursivas capazes de transmitir tal construção de confiança, principalmente em relação à exposição de intimidade, como observamos no trecho:

Eu tive o meu primeiro aborto aos 17, no último ano do ensino médio, e eu tive mais outros dois nos 22 anos desde então, por várias e complicadas razões. Ainda que eu não me arrependa deles, eles foram algumas das decisões e dias mais difíceis e obscuras da minha vida (tradução livre)²⁰.

Com o avanço das tecnologias comunicacionais e, principalmente, a inserção da internet no cotidiano dos atores sociais, os processos referentes a ver e ser visto também são facilitados e até mesmo requeridos. Segundo Sibilía (2015, p. 355), com a “familiaridade contemporânea com os meios de comunicação”, o público se habituou com a constante exposição e observação da vida comum. Bauman (2009), em diálogo com Castel, afirma que o não conhecimento do outro, a não clareza em relação ao próximo, geram desconfiança e insegurança. “Segundo [Castel], a sociedade moderna –

¹⁹ Palmer usualmente se utiliza de um linguajar mais caricato e sarcástico em suas composições musicais, principalmente ao tratar de assuntos problemáticos e capazes de gerar controvérsia, como aborto e envelhecimento (PIIK, 2011). Observamos esse tipo de escolha de performance discursiva também em suas postagens (MEDEIROS, 2018).

²⁰ Original: “I had my first abortion at 17, senior year of high school, and I’ve had two more in the 22 years since, for varying complicated reasons. Though I don’t regret them, those were some of the hardest, darkest decisions and days of my life.”



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (...) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo – foi construída sobre a areia movediça da contingência: a insegurança (...) está em toda parte” (p. 16). Ainda que complexa, a ideia discutida pelo autor é a de que a individualidade moderna – a suposta perda de uma vida em comunidade – provoca sensação de insegurança ao indivíduo pós-moderno. Contudo, no texto de Amanda Palmer, não só conseguimos observar a construção de uma comunidade (os fãs da artista), ainda que *online*, como também de uma confiança da musicista em relação a seu público, a ponto de relatar eventos passados de sua vida e até mesmo compartilhar inseguranças profissionais (“Se eu tiver filhos, irei me tornar uma entediante, irrelevante, ignorável artista?”).

Ainda assim, cabe refletir: se o não conhecimento do outro gera desconfiança, conhecê-lo em detalhes traz o sentimento oposto. Desse modo, podemos pensar que Amanda expõe seu passado e angústias aos fãs como forma de fazê-los conhecê-la melhor e, com isso, confiar nela, reforçando a noção de proximidade que suas performances *online* buscam estabelecer. Sua confiança no público também é performada, inclusive como parte de sua coerência expressiva.

Os compartilhamentos não são feitos por acaso ou sem uma construção estratégica. Por ser uma pessoa pública, Palmer parece compreender que a visibilização de sua vida pessoal pode ser muito vantajoso para sua vida profissional já que, ao intercalá-las, adquire maior evidência e confiabilidade, sendo capaz de difundir suas produções. Esse tipo de construção é especialmente importante para musicistas e músicos independentes, pois, ainda que não dependam de *majors*²¹, são extremamente dependentes do próprio público. Mesmo que haja a defesa da independência musical para que o artista usufrua de uma liberdade maior de criação musical (MAIRA, 2014) – algo defendido inclusive por Amanda –, essa “liberdade” não é completa, pois é necessário que o artista agrade, de certa forma, o seu público, seja com suas produções artísticas, seja com seus discursos, performances e aparições. Nesse sentido, o constante compartilhamento e divulgação de produções será importante. É por isso que encontramos, no final do artigo em análise, a divulgação de projetos realizados por Palmer e que foram submetidos ao seu perfil no Patreon. Vemos também, em seu texto de perfil, de forma aparentemente despretensiosa, uma divulgação de sua autobiografia, com um *hiperlink* que direciona o leitor para a página de compra do livro em uma loja virtual.

²¹ Grandes gravadoras ou produtoras musicais, focadas no lançamento de bandas e artistas *mainstream*.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Seguindo a proposição de Campbell (2012) de que as escolhas de consumo ajudam a construir a identidade do sujeito e dizem algo sobre ele, tanto Palmer se aproxima de determinados signos para compor sua identidade artística (ao divulgar, por exemplo, as musicistas e estilos musicais que a inspiram) quanto seus fãs utilizam os materiais que produz para comporem sua noção sobre si mesmos. Acompanhar Amanda Palmer significa se identificar com alguns comportamentos e discursos defendidos pela artista, em muito performados nos ambientes *online*.

O compartilhamento de experiências pessoais que a musicista empreende apresenta, portanto, o mesmo objetivo que a difusão de suas produções: gerar um retorno econômico, configurando-se assim uma “economia de compartilhamento” (HEARN, 2017). Dessa forma, ainda que não completamente mecanizada, a maternidade de Amanda Palmer pode vir a reverter alguma importância (ou valorização) para a musicista – por exemplo, atingir outro tipo de público, variar suas produções, enriquecer seu compartilhamento de experiências pessoais –, fazendo com que a discussão que ela inicia com o texto permaneça relevante para sua base de fãs.

Performando Maternidade: Negociações Estratégicas

O gênero não é algo que somos, mas algo que engendramos por meio de uma série de atitudes que remetem ao qual se deseja representar. Partindo de tal premissa, Butler (2016) usa o termo “performatividade” para se referir às práticas regulatórias e de repetição que impõem uniformidade no comportamento estabelecido pela cultura como coerente no que se relaciona a sexo, gênero e desejo. Validar-se como um sujeito feminino, portanto, implicaria reproduzir atos que foram, ao longo de séculos, estabelecidos cultural e socialmente como representativos desse gênero. A maternidade agiria como um dos marcos mais relevantes da subjetividade feminina, mas não uma maternidade qualquer: a que produz mães amorosas, presentes, protetoras, que performam o cuidado à família e o amor inquestionável aos filhos, pelos quais alcançam satisfação pessoal e reconhecimento social (BADINTER, 1985, 2011; FREIRE, 2009; DONATH, 2017).

Este modelo remonta ao século XVIII, em que Badinter (1985) situa o surgimento do que denomina “mito materno”, conjunto de teorias e práticas que passam a impor a maternidade às mulheres como um instinto natural, necessário para a manutenção da espécie e da sociedade. De acordo com Sell (2012, p.153), tais condutas mantêm sua influência até os dias atuais, pois: “Falas e ações endossadas pelo discurso científico [ainda] procuram estabelecer diferenças entre os corpos



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

masculinos e femininos, possivelmente, com o propósito de justificar as diferenças de papéis sociais e, assim, legitimar uma agenda política de poder do homem sobre a mulher”.

Se os atributos biológicos masculinos adequavam o homem ao espaço público – em instituições que decidiam o rumo do país e seus cidadãos – a anatomia feminina restringia a mulher ao lar, zelando pelo cônjuge e a prole (GALLAGNER e LAQUEUR, 1987). Apesar das iniciativas que, desde o século XIX, buscavam ampliar o campo de atuação feminino, como o movimento sufragista e as demandas por acesso a determinados recursos, era comum que a maternidade fosse utilizada com caráter legitimador; a partir da identidade de mãe, as mulheres – inclusive as feministas – validavam os discursos sobre sua importância social (FREIRE, 2009).

Contudo, nos últimos anos, verifica-se um aumento nas discussões a respeito da maternidade, principalmente em espaços *online*. Tais discussões são protagonizadas por mulheres que abordam a questão materna a partir de suas próprias experiências, muitas vezes provocando rupturas intencionais na performance tradicional do comportamento materno (FRIEDMAN, 2013; ORTON-JOHNSON, 2017; SOUZA e POLIVANOV, 2017). Soma-se a isso uma valorização cada vez maior do corpo como agente modificador, seja na esfera particular (autoestima, vida afetiva), seja em uma escala mais ampla, reexperimentando diferentes significados sociais – noção abraçada inclusive pelos atuais movimentos feministas (RAGO, 2004; BUTLER, 2016). A foto com que Amanda Palmer abre seu artigo de estreia no Medium (Figura 1) ilustra esse cenário.



Figura 1



Nua, diante do espelho da própria casa e com o símbolo do Medium desenhado na barriga de 36 semanas, Amanda se afasta da abordagem tradicional do corpo materno. Ao eleger a Virgem Maria como símbolo do amor oblato, o discurso cristão passou a associar a figura da mãe à imagem santificada da Virgem (BADINTER, 1985). Assim, o corpo materno devia ser resguardado, posto que sua divina tarefa era gerar e manter os filhos. “Você não vê as coisas como elas são. Você vê as coisas como você é” (tradução livre). A frase rabiscada no espelho por Palmer parece brincar com as modificações que Rago (2004) identificou na forma de as mulheres e o feminismo lidarem com a maternidade. Enquanto as oradoras feministas dos anos 60 buscavam se afastar tanto da figura conservadora e santificada da mãe quanto de representações que pudessem prejudicar o reconhecimento de seu desempenho no espaço público, hoje a sensualidade, a saúde corporal e o lúdico²² são valorizados. Ser mãe já não corresponde a abdicar dos prazeres, da vaidade ou da experimentação do próprio corpo para gerar ou criar os filhos. A imagem materna permite ser associada a outros valores além dos afetivos, o que incluiria posicionamentos políticos e mesmo performances midiáticas – como é o caso da foto de Palmer. Se o assunto do artigo é o impacto que ser mãe terá em sua carreira, a cantora assumidamente feminista *clica* o tema do texto, seu veículo (a logo do site sobre a pele) e sua resposta: eu disponho do meu corpo grávido e da minha condição de mãe de determinada forma. Os valores projetados na *selfie* são de responsabilidade do expectador.

A ruptura com os ideais tradicionalmente associados à maternidade também pode ser vista no trecho abaixo, em que Amanda opina sobre a suposta tristeza de quem não tem filhos.

Besteira total. Aprendi através das minhas sinceras e íntimas amizades com pessoas mais velhas que isso simplesmente não é verdade. Alguns dos meus mentores, artistas ou não, não tinham/não têm filhos e são as pessoas mais felizes, plenas e iluminadas que eu conheço. Aprendi com eles que crianças não fazem você intrinsecamente feliz e realizado: só você pode fazer isso, e jogar essa responsabilidade para uma criança é algo bem cruel de se fazer, na verdade (tradução livre)²³.

Palmer rejeita o ato de ter filhos como sinônimo de realização pessoal e felicidade, ao contrário do que prega o mito materno. Além disso, inverte a lógica do discurso maternalista – acreditar que filhos trazem felicidade não seria amor incondicional, mas egoísmo e crueldade.

²² Para maior aprofundamento sobre a associação ente feminismo e ludicidade, ver RENTSCHLER e THRIFT (2015). Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464700115604136>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

²³ Original: “(...)total bullshit. I’d learned, through my honest, intimate friendships with older people, that that simply was not true. Some of my mentors, artistic or not, were and are childless and the happiest, most fulfilled and enlightened people I know. I’ve learned from them that children do not innately make you happy and fulfilled: only you can do that, and to shuffle the responsibility onto a kid is actually a pretty cruel thing to do.”



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A lista de “contras” que a artista faz para decidir se engravidaria também rompe com a idealização da atividade materna ao descrevê-la como “completa perda de liberdade pessoal e espontaneidade”, sendo “um novo mundo de potenciais desentendimentos e drama entre mim e meu marido (...), sem dúvida seguidos pelos procedimentos do divórcio, brigas feias por custódia e a lamentável vida de mãe solteira”. Ela inclusive se refere aos efeitos negativos da maternidade como “todo esse cocô”. Ao final do texto, ainda faz uma descrição bastante crua sobre o nascimento do filho, colocando-o como o ato de “empurrar um PEQUENO SER HUMANO PELA MINHA VAGINA” (traduções livres, destaques no original).

Embora as mulheres busquem criar concepções de maternidade diferentes das tradicionais, estes valores ainda persistem (BADINTER, 2011). Mesmo que possamos entender os itens listados entre os pontos positivos da maternidade como levemente humorísticos e irônicos, a artista não deixa de basear seus argumentos em noções tradicionais como o reforço dos laços conjugais por meio da criança (“Possível vínculo mais profundo com meu marido, uma vez que misturamos nossos genes”), a maternidade como forma de evolução pessoal (“Possível iluminação espiritual?”) e, sobretudo, a crença de que seria uma decisão “que é quase impossível de se lamentar, mesmo que ter um filho seja um saco. Então...isso é bom”. Palmer ainda se aproxima do discurso maternalista ao pensar que ter filhos é uma decisão da qual não se arrepende, reforçando a premissa de que os possíveis sofrimentos que causa são menores do que as recompensas, sobretudo as afetivas.

Donath (2017) mostra que a maternidade não está isenta de provocar desgosto ou arrependimento àquelas que a adotam, principalmente porque a pressão para que tenham filhos é tão grande que muitas sequer chegam a refletir sobre o assunto para efetivamente fazerem uma escolha. Os comentários ao artigo de Palmer inclusive apresentam relatos de mães sobre o ressentimento que nutrem pelos filhos. Apesar de enfatizarem os desafios de ser mãe, as mensagens são de apoio e encorajamento. Reforçam a ideia de que a maternidade as deixou mais fortes, sensíveis e abertas, justamente por ser árdua – o que pode ser tomado como uma atualização do discurso maternalista tradicional. Ser mãe é sofrido, porém gratificante, concluem junto à artista que acompanham. Tal arranjo alinha o discurso sobre maternidade de Palmer ao de mães que se encaixam em pelo menos um dos seguintes perfis: a) são suas fãs; b) a seguem no Medium; c) podem vir a se interessar por seu trabalho após lerem o artigo. Já que agradar a base de fãs é de suma importância para musicistas que



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

não contam com o apoio de *majors*, Amanda é bem-sucedida ao adotar uma perspectiva semelhante aos discursos de “desromantização” da maternidade que têm circulado sobretudo em SRSs.

O confronto entre as expectativas socioculturais do desempenho materno e aquilo que a mãe de fato consegue oferecer aos filhos a deixa culpada, sentindo-se menos capaz, como descrevem Souza e Polivanov (2017) e também aparece nesse trecho do artigo de Amanda Palmer: “(...) obrigada [autora do e-mail] por confirmar meus mais profundos, inseguros e angustiantes medos em relação à maternidade e como as pessoas vão me ver agora que decidi procriar!” (tradução livre). Diante dos anseios e exigências que terceiros – sobretudo seus fãs – teriam com ela a partir do momento em que fosse mãe, a artista se mostra assustada e receosa.

Medo semelhante ao que conta ter sentido enquanto ponderava se, após a maternidade, iria se tornar “aquela pessoa irritante que fica tão encantada pelo filho que é impossível ter uma conversa inteligente com ela sobre arte porque ela ia preferir mostrar seu iPhone com fotos do filho babando uma colher com purê de cenoura” (tradução livre). Badinter (2011) percebe que, ao contrário das mães, mulheres sem filhos ou que não os desejam costumam ter uma visão de maternidade mais atrelada à tradicional. Ao conversar com mães, Solnit (2017, p. 15) relata que muitas se sentem tratadas como “seres apáticos desprovidos de inteligência, que não devem ser levados em consideração”, julgamento semelhante ao que Palmer conta ter feito sobre a possibilidade de se tornar alguém incapaz de manter “conversas inteligentes sobre arte” por “ficar tão encantada com o filho”.

Quando ainda em dúvida sobre a maternidade, a musicista a enxergava como tediosa, irritante e limitadora, sobretudo para quem atuasse no meio artístico. Grávida, porém, adota outra postura. Sem negar seus antigos posicionamentos, reconhece que a nova rotina será desafiadora (inclusive para sua arte), mas que não necessariamente sua criatividade e carreira serão esvaziadas porque decidiu gerar um bebê – o que difere da visão da fã cujo e-mail motivou o artigo e da percepção que a própria Palmer costumava ter sobre musicistas que têm filhos.

Considerações Finais

O blog de Amanda Palmer recebeu um número interessante de respostas. O site Medium possui uma ferramenta chamada “palmas” (*claps*), simbolizada por duas pequenas mãos. Por meio dela, o leitor pode conferir “palmas” a qualquer parte do texto (basta que selecione o trecho que deseja) ou até mesmo ao texto inteiro. Dessa forma, é capaz de mostrar ao escritor com o que



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

concorda sobre o que foi escrito. Palmer recebeu 2.360 “palmas” por seu texto – infelizmente, devido às limitações impostas pelo próprio site, não temos acesso aos trechos específicos que os leitores possam ter “aplaudido”. O artigo obteve 335 comentários, a maioria textos extensos com uma média de dois minutos de duração (outra materialidade do Medium é o medidor automático que o site utiliza para quantificar o tempo de leitura de um texto), mostrando que este é um comportamento comum dos seus seguidores na plataforma. Desses comentários, 87 são provenientes de mulheres que contam em algum momento suas próprias experiências maternas. Boa parte delas se considera, inclusive, artistas, e tentam acalmar Palmer diante da possível “perda de identidade” depois do nascimento do bebê. Isso demonstra que, com o artigo – e outros relatos sobre sua maternidade –, Amanda provavelmente começou a movimentar um tipo diferente de público, caracterizado por mães que se identificam com a experiência (ou a profissão) da musicista.

Percebemos, portanto, que Amanda Palmer realiza um processo de construção identitária à medida que se mostra para os fãs por meio de performances que acredita que serão melhor aceitas. Além disso, modifica sua autonarrativa, ainda que haja uma constância na forma como escreve para o público (aparentemente deixando visíveis todos os seus sentimentos). Em oposição ao que havia declarado por anos, Amanda decide se tornar mãe, atitude que – tomando por referência os comentários no artigo e o comportamento dos fãs com relação ao filho da artista – parece ser bem aceita. A forma como a musicista construiu o texto, já partindo da premissa de que uma fã estaria insatisfeita, facilita a defesa de seu posicionamento e instiga um suporte por parte de sua base de fãs, que, por sua vez, não parece incomodar-se com o fato de continuar pagando para que a musicista se mantenha artisticamente produtiva²⁴.

Outro fator que pode ter contribuído para a boa recepção do artigo e da nova postura de Amanda é o alinhamento que possuem com os discursos sobre maternidade que têm reverberado especialmente nos SRSs. Palmer seleciona as opiniões que preserva ou modifica. Continua afirmando que não é preciso ter filhos para ser feliz – o que conserva o apoio que fãs sem filhos ou que não os desejam lhe dedicam –, mas passa a defender que a maternidade não precisa ser um empecilho para sua arte ou carisma – o que a aproxima da realidade de mães que podem vir a segui-la. A artista engendra uma performance que mantém sua coerência expressiva em relação a posicionar-se como

²⁴ Atualmente, Amanda Palmer possui cerca de 11.330 patronos, recebendo entre 23 mil e 99 mil dólares. Vide: <<https://graphtron.com/creator/amandapalmer>>. Acesso em: 22 abr. 2018.



feminista (entendimento do impacto da maternidade, valorização dos desejos individuais da mulher, novas apropriações do corpo) e a seu próprio histórico de posicionamentos sobre a questão materna.

Notamos, então, que Palmer parece ainda fidelizar boa parte de sua fã base, mas sua experiência com a maternidade e a forma como a relata permitem que a artista multiplique e varie seu público. Podemos concluir que, enquanto algumas performances identitárias de Amanda Palmer tendem a ser mantidas, outras sofrem deslocamentos. Tal dinâmica pode ser entendida como o balanço entre as macroestruturas (cena musical independente, expectativas sociais sobre a mulher e a maternidade, necessidade de vínculo com os fãs) e a agência de cada ator social. Nos ambientes *online*, Palmer performa ativamente sua identidade, realizando mudanças voltadas a determinados interesses, mas ainda preservando o respaldo daqueles que consomem suas produções – o que possibilita que se mantenha como uma artista independente de *majors*.

Referências

AMARAL, Adriana; MONTEIRO, Camila. Esses roquero não curte: performance de gosto e fãs de música no Unidos Contra o Rock do Facebook. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, v. 20, n. 2. 2013.

BADINTER, Elizabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. São Paulo, Nova Fronteira, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BAYM, Nancy. **Personal Connections in the Digital Age**. Malden: Polity Press, 2010.

BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (Ed.). **A Networked Self**: Identity, Community and Culture on Social Network Sites. London: Routledge, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Lívia; _____. (Orgs.). **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007. p. 47-64.

DONATH, Orna. **Mães Arrependidas**: uma outra visão da maternidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: o discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

FRIEDMAN, May. **Mommyblogs and the Changing Face of Motherhood**. Toronto: University of Toronto Press, 2013.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

GALLAGNER, Catherine; LAQUEUR, Thomas. **The Making of the Modern Body**. Londres: University of California Press, 1987.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HEARN, Allison. Verified: Self-presentation, identity management and selfhood in the age of big data. **Popular Communication**, v. 13, n. 2, 2017.

MAIRA, Manuel. **Bajen la Música: El Nuevo paisaje de la Industria Discográfica**. Santiago del Chile: Grupo Zeta, 2014.

MEDEIROS, Beatriz. **Performatizando autenticidade na cultura digital: Amanda Palmer e os processos de legitimação de musicistas “independentes”**. Dissertação. Brasil, Niterói: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, abr. 2018.

ORTON-JOHNSON, Kate. Mummy Blogs and Representations of Motherhood: “Bad Mummies” and their readers. **Social Media + Society**, v. 3, n. 2. 2017.

PEREIRA DE SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Revista Contemporânea – Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, set.-dez. 2012.

PIIK, Jenni. **“If the slipper fits, you wear it, whore”**: The Construction of Female Gender in Amanda Palmer’s Lyrics (1995-2009). Tese. Finlândia: Universidade de Jyväskylä, Departamento de Inglês, abr. 2011.

POLIVANOV, Beatriz. Fazendo faxina no Facebook: implicações no gerenciamento e comunicação com a Rede de Contatos para Dinâmicas de Autoapresentação. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 15, n. 38. 2014.

RAGO, Margareth. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos. In: LIMA, Claudia Costa de. (Org.) **Poéticas e Políticas Feministas**. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres, 2004.

SELL, Mariléia. “Minha mãe ficou amarga”: expectativas de performances de maternidade negociadas na fala-em-interação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 153-172, jan.-abr. 2012.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e *performance*: a construção de si como personagem visível. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, vol. 17, n. 3, set.-dez. 2015.

_____. **O show do Eu: A intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo; POLIVANOV, Beatriz Brandão. “Sabe o que Rola nessa Internet que Ninguém Fala?”: Rupturas de Performances Idealizadas da Maternidade no Facebook. **Anais Eletrônicos Intercom**, 2017.